



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: **Talhaba** — Lisboa — Telefone 5339
Officinas de impressão — Rua da Atalá, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A alta e a baixa

Quer os preços subam quer baixem, os trabalhadores são sempre sacrificados

A vida está cada vez mais difícil. Vê-se, pois, que o comércio persiste na sua acção criminosa de nos querer arrancar a pele, sem que nós nos resolvamos a pôr cobro a tais desmandos.

E' possível, porém, que a gente da finança e do comércio se engane. A forma descarada como tem procedido é revoltante.

Vin-se que o comércio podia perfeitamente baixar o preço dos generos. Uma pequena baixa se verificou não há muitas semanas.

De súbito, como que obedecendo a um *mot d'ordre* os generos começaram a subir escandalosamente.

Este facto leva-nos a formular uma pergunta: Se o comércio pôde vender os generos por um determinado preço porque motivo já não os pode vender agora? Que motivos houve que determinassem essa alta súbita? Motivos não houve nenhuns, a não ser a ganância, a febre do ganho.

O século, com a mania que tudo embaraça, publica diariamente o preço de certos generos que geralmente não corresponde à verdade.

Não tenhamos ilusões: a vida encareceu até um exagerado ponto, verificado antes da breve baixa, que apenas veio demonstrar mais uma vez quanto o comércio é ladrão e egoísta.

Os governantes, sempre tam solícitos em perseguir os pobres, permitem que o comércio faça o que entende. Não nos admira esse facto. Não é o presidente do ministério um comerciante? Não são os membros do governo indivíduos que, pelo seu conservantismo politico ou pelos seus interesses, entendem que o comércio é realmente uma força viva, cujos interesses mesquinhos devem respeitar e defender?

O defeito não é apenas do comércio, cuja doutrina é o roubo, é da organização social assfianista que nos rodeia e que é preciso destruir.

E' tam defeituosa a organização económica da burguesia, que aqueles que a tudo tem direito, os trabalhadores, são sempre os mais sacrificados.

Assim, quando se grita em esgares epiléticos que a carestia deve desaparecer, pensa-se imediatamente em reduzir o salário aos que trabalham.

O critério estreito da burguesia é este: o trabalhador não tem direito a comer mais um pedaço de pão, aproveitando duma possível baixa. Não seriam os trabalhadores, os sacrificados, que realmente teriam direito a gozar o bem-estar que a baixa lhes proporcionasse? Mas não. Exclama-se, com alegria, que a vida vai embaratecer, mas não se ao mesmo tempo a redução dos salários para que fiquemos sempre na mesma miséria.

Então que motivo de regosijo poderemos nós ter com a baixa de preços, desde que os sacrificados continuem na miséria?

Na Alta Silésia

O general Mackensen, chefe duma organização militar

Diz um telegrama de Beuthen que o general Mackensen tomou posse do comando dum organismo militar com o apoio dum príncipe da casa Hohenzollern, que se destina a agir na Alta Silésia. Já arregimentaram até agora 40.000 homens.

São impressões sobre a solução do conflito

Diz o correspondente da agência Reuters:

Verifica-se com verdadeira satisfação o contraste entre a irritação geral de quinta-feira passada e o espirito de conciliação que agora se manifesta. A politica francamente expressa por Lloyd George, o qual não quer favorecer nem polacos nem alemães, produziu uma profunda impressão no Conselho.

Os serviços e o governador civil

A questão do livrete

Está convocada para hoje uma reunião magna de todas as classes de serviços quer de casas particulares, quer de hotéis e restaurantes.

Essa reunião efectua-se na sede das Associações, Travessa dos Inglesinhos, 1.º, ás 22 horas.

A organização operária e os seus detractores

A reunião de ontem do Conselho Confederal

A sessão, por deliberação unânime do Conselho, tornou-se pública — Ao que se reduziram as anunciadas «importantes» acusações de Joaquim Cardoso — Infelizmente o assunto não ficou arrumado ontem voltando o Conselho a reunir hoje ás 20 horas precisas

A reunião do Conselho Confederal, convocada para ontem, a fim de Joaquim Cardoso formular concretamente as suas acusações à C. G. T. e que fôra resolvido ser reservada ao Conselho, foi, por proposta do mesmo Conselho, tornada pública a fim de que o operariado pudesse tomar conhecimento da gravidade e da importância das anunciadas acusações.

Presidiu Amantino Nascimento, delegado da U. S. O. da Povoia do Varzim, secretariado por A. Marvão, da U. S. O. do Funchal e Artur Portela, da F. C. Oiticeira.

O camarada Jerônimo de Sousa enviava para a mesa a seguinte questão prévia:

Considerando que a resolução tomada na reunião anterior para que a sua continuação seja privada, não tem razão de ser, porquanto as acusações feitas à organização (tem sido publicas; que ainda mesmo os autores dessas acusações tenham outras — como dizem — a fazer, elas devem ser publicas em publico, a bem da organização e da dignidade dos seus componentes;

O Conselho de delegados resolve: Continuar a tratar do assunto em sessão publica até à sua liquidão.

Falam alguns delegados sobre o assunto, exprimindo a opinião de que a organização, sejam quais for as acusações a fazer, sairá muito mais para, desde que elas sejam feitas em publico.

Manuel Joaquim de Sousa, secretário geral, está de acordo com a questão prévia.

Vitor Martins sustenta doutrina diversa porquanto as acusações a fazer, ditas em publico, podem fazer perigar a liberdade de alguns indivíduos.

Marcelino da Silva diz ter ouvido depois da sessão passada que uns roubavam e outros encobriam, e esse, quando não desejava ficar com essa mancha, por isso está de acordo com a questão prévia.

Como grande multidão se aglomerou junto da porta, Vitor Martins diz que já estava tudo preparado para que a sessão fosse publica.

Posta à votação a questão prévia apresentada por Jerônimo de Sousa, foi aprovada por unanimidade.

Em seguida foi dada a palavra a Joaquim Cardoso.

Antes porém de iniciar o seu discurso, foi pelo secretário lido um officio da U. S. O. de Evora dizendo que o operariado daquela cidade resolvera enviar a esta sessão os camaradas José de Mota Neto e Barão Rochinha, que se encontravam presentes.

O acusador insiste em defender-se

Começa Joaquim Cardoso por dizer que se congratula com a presença dos delegados de Evora. Repete algumas considerações feitas na sessão anterior. Diz que se encontra coacido, porquanto não pôde expôr na *Batalha* a sua opinião sobre os assuntos em questão. Pretende-se a *Batalha* é duma criatura ou da organização. Lamenta que Alexandre Vieira não esteja ainda à frente do nosso jornal, porque talvez não se desse o que se tem dito. Naturalmente ver-se-há obrigado a recorrer à imprensa burguesa para dizer de sua justiça. Embora algumas criaturas o tenham aconselhado a retirar o seu nome da cabeça do jornal, ele não o retirará. Espera que lho retirem.

Pretende-se pôde haver alguma criatura que coaja quem pretende defender-se. Se portanto recorrer à imprensa burguesa, ninguém lhe pode negar esse direito. Referindo-se ao artigo «Cada um no seu lugar», Joaquim Cardoso diz que será a própria C. G. T., que há de ressenhar-se da doutrina desse artigo.

Diz o comité que ele não é acusado é acusador e que o conselho lhe fazia o favor de o deixar falar.

Costumam-lhe mais estes últimos dias do que os dez annos de luta na organização.

—Quantas vezes o conselho em peso censurou o secretário geral? — pergunta. Apela para o testemunho de o conselho. As suas palavras são apenas o reflexo do que se diz lá fora.

A burocracia cá de dentro é que é o grande mal. Está farto de ouvir censuras e remoques à C. G. T., e não lhe consentem que lhe concretize essas censuras e esses remoques.

Numa carta que publicou na *Batalha* dizia que tinha a sua consciência limpa e as mãos mais limpas do que os seus acusadores.

As «importantes» acusações

Purando de sete papéis conta um, dois, três, etc... Está aqui sete indivíduos — diz — que não pertencem ao conselho nem por esta tem de ser chamados à responsabilidade.

O camarada Alfredo Lopes — afirma — tinha pôdo nos meus recibos importantes a mais, porque tendo feito despesas de comida, precisava justifi-las.

Alfredo Lopes explicou as razões porque tinha feito isso, razões que, ele, orador, aceitou.

Pede aos delegados da Federação Mobilíaria que esclareçam uma noticia publicada na *Batalha* onde se lançam acusações sobre o camarada Abel Pereira.

Um delegado do Sindicato Mobilíario esclarece o assunto, dizendo que Abel

Auxiliai o povo russo!

A «Batalha» continuava a afluír os donativos

O geral sentimento de solidariedade que neste momento une o operariado de todo o mundo foi sentido também na região portuguesa.

Pouco a pouco vão afluindo os donativos à nossa administração. Ainda não é aquilo que nós desejariamos, mas já é alguma coisa.

E' nosso dever moral incutir ânimo, destas columnas, a todo o proletariado português. Estamos certos de que os trabalhadores a quem nos dirigimos saberão tomar na devida consideração o nosso apelo sincero.

A situação angustiosa em que parte da população russa se encontra comove toda a gente que tenha coração.

Saber-se que a esta hora alguns milhares de pais não sabem como alimentar seus filhos e ter-se a coragem de tapar os ouvidos aos seus queixumes, só corações empederados, só pessoas que não sabem o que é a fome serão capazes de se negar a concorrer com o seu auxilio, por muito modesto que seja, no sentido de minorar tantas agruras.

E' absolutamente necessário que por iniciativa particular ou dos sindicatos se tirem quotas, se abram grandes subscrições a fim de se obter a quantia máxima que será entregue aos nossos camaradas russos, que foram os primeiros a romper com a burguesia tentanda remodelar a sociedade, tornando-a mais justa e equitativa.

Se o povo russo não tivesse tido esse gesto admirável de liberdade, não teria a burguesia contra aquelle imenso país — uma guerra desumana, toda feita de cobardia. O bloqueio feito pela burguesia occidental é o gesto mais insignificante da historia do capitalismo pôde registrar. Negar conscientemente o alimento e o bem estar milhares de indivíduos só pelo facto de terem tido a coragem de começar a pôr em execução os mais belos ideais de emancipação humana, é tudo quando há de mais baixo e repugnante.

Os trabalhadores de todo o mundo, unido-se como um só homem e respondendo à ferocidade burguesa, que constantemente inventa historias sangrentas a respeito da Rússia, contribuindo com os seus donativos a fim de minorar a fome de alguns milhares de camaradas, seus, mostram que sabem ser humanos, porque tem e sentem verdadeiros ideais de justiça e de solidariedade humana.

Damos a seguir a nota das importancias recebidas ontem!

Transporte 164\$70
Sebastião Graça, preso no Limoeiro \$50
Manuel Pereira, igualmente preso \$50
Fóte tirada na U. S. O. de Almada 10\$65
Severina Rosa \$50
Jesuína de Jesus Ferreira \$800
Maria Amália 1\$00
Félix António Fernandes \$500
Pedro Darnane 1\$00
Um que é mais que bolxevista 2\$50
A transportar 181\$35
Trabalhadores, auxiliai o povo russo que tem fome!

O fim de uma festa patriótica

A Associação Católica do Porto celebrou no sábado a festa de N.ºs Alves e a vitória de Aljubarrota, com uma sessão solene a que assistiram numerosas pessoas o, entre ellas, o bispo da diocese.

Ao terminar a festa, os assistentes, que se retiravam, foram recebidos cá fora com vivas à República e morras à reacção, travando-se por essa occasião um conflito em que houve bengaladas, pedradas e tiros.

José de Mira Neto afirma que Cardoso disse que o sindicalismo não se bastava a si próprio e que affirmar o contrario era vigiar o operariado.

Em virtude da hora ir adeantada, o camarada Alfredo Lopes requer que se interrompa a sessão para continuar hoje, pagando-se aos delegados da provincia as despesas que tenham de fazer com a sua permanência em Lisboa.

Aprovado o requerimento, encerrou-se a sessão pela 1 hora e quinze minutos de hoje

A transportar 181\$35

Trabalhadores, auxiliai o povo russo que tem fome!

O fim de uma festa patriótica

A Associação Católica do Porto celebrou no sábado a festa de N.ºs Alves e a vitória de Aljubarrota, com uma sessão solene a que assistiram numerosas pessoas o, entre ellas, o bispo da diocese.

Ao terminar a festa, os assistentes, que se retiravam, foram recebidos cá fora com vivas à República e morras à reacção, travando-se por essa occasião um conflito em que houve bengaladas, pedradas e tiros.

José de Mira Neto afirma que Cardoso disse que o sindicalismo não se bastava a si próprio e que affirmar o contrario era vigiar o operariado.

Em virtude da hora ir adeantada, o camarada Alfredo Lopes requer que se interrompa a sessão para continuar hoje, pagando-se aos delegados da provincia as despesas que tenham de fazer com a sua permanência em Lisboa.

Aprovado o requerimento, encerrou-se a sessão pela 1 hora e quinze minutos de hoje

A transportar 181\$35

Trabalhadores, auxiliai o povo russo que tem fome!

LÁ COMO CÁ

Os atentados dinamitistas no Rio

Quem atirava as bombas era a própria policia

declara o Supremo Tribunal Federal

O correio do Brasil ontem chegou trouxe-nos, entre outros, um número do jornal *A Patria*, de que era director o falecido João do Rio, que insere o artigo que abaixo se transcreve.

Encerra esse artigo a noticia sensacional de que o Supremo Tribunal Federal acaba de desvendar que os atentados dinamitistas ocorridos recentemente no Rio de Janeiro e que, attribuidos aos operarios avançados, serviram de pretexto a expulsão do Brasil vários camaradas nossos, eram obra da própria policia.

O que a noticia tem de sensacional não está no facto de terem sido as bombas lançadas pela policia pois isso não constitui para nós novidade alguma. Esse facto apenas confirma que o Brasil é bem o filho ou o irmão — a vontade do leitor — de Portugal. O sensacional está em ser um Tribunal Supremo que no seu accordo comprova que as bombas foram deitadas pela policia. Esta imparcialidade do Tribunal é que para nós constitui uma novidade, pois nunca os tribunais portugueses tiveram a austeridade e o desassombro de dizer a verdade em casos similares. Por isso mesmo a justiça portuguesa goza do conceito que disfruta...

Mas vamos à transcrição do jornal *A Patria* cuja honestidade de processos jornalísticos, posta em confronto com a honestidade dos nossos colossos da informação deixa tambem muito mal colocada a imprensa portuguesa:

Quando andaram em moda as «geminiadas» explosivas, que faziam saltar portais de casas e uma das quais, por notavel coincidência, estourou dentro de um wagon da Central no dia da chegada de Rui Barbosa, no seu regresso de Palmira, nós, como toda a gente de bom senso, nunca tivemos a menor duvida sobre a autoria desses atentados. Era tam claro, era tam evidente, que só um louco não via desde logo o dedo de Geminião em tudo aquilo...

Precisando de um pretexto para exercer compressão sobre os elementos operários que se organizavam para pedir liberdade e para reclamar um tratamento igual ao que lhes conferiam as leis brasileiras, Geminião recorreu às bombas, com a mesma dextreza inconsistente com que já havia recorrido à chibata, ao chafancho e ao resto.

Era preciso prender alguns operários? Nada mais fácil. Geminião mandava atirar uma bomba contra o primeiro portal que lhe desse na veneta, e depois processava como autores do atentado os operários que desejava perseguir.

Se eram estrangeiros, depois de suficientemente surrados e martirizados nas enxovias policiaes, eram expulsos como dinamiteiros.

Quando se tratava de nacionais, em vez da expulsão do território, Geminião os deportava, algemados, para Mato Grosso.

Quando mais justamente se agitavam as classes operárias, mais numerosos e frequentes eram tambem os estourros. Não havia noite, a bem dizer, em que cidade não despetasse com um formidável «pum!» da dinamite geminiã.

E, no dia seguinte, era fatal: Geminião prendia dezenas de operários, fechava associações de classe, deportava, expulsava, fazia o diabo para defender a ordem estabelecida.

Este jornal, que nunca se deu o embaçar pelas habilidades policiaes do desembargador, dizia e repetia todos os dias o que era a opinião de toda a gente, apontando ao país o verdadeiro responsável pelos atentados dinamiteiros.

O Tribunal no seu accordo afirma que as bombas eram mesmo atiradas pela policia

Quando afirmávamos o que estava na consciência de todos, é porque *A Patria* era órgão vermelho, bolxevista e o resto que a empederada mentalidade de Geminião mandava assallar por conta e risco da verba secreta da policia...

Mas agora quem o comprovava é o Supremo Tribunal Federal, a mais alta corte de justiça do país, que não é composta nem de oposicionistas vermelhos, nem de bolxevistas, mas sim de juristas respeitáveis e imparciais.

E é justamente esse tribunal quem acaba de demonstrar num accordo aprovado unanimemente que as bombas eram mesmo atiradas pela policia e que em todos os inquéritos policiaes sobre tais atentados as testemunhas eram sempre ou agentes de policia, ou indivíduos sem profissão ou cuja profissão só a policia conhecia.

Os depoimentos das testemunhas, quasi todas agentes da policia, são absolutamente iguais

Quando na câmara e na imprensa se pedia ao governo os inquéritos policiaes de expulsão de operários estrangeiros, este negava a sua exhibição porque, mandava elle dizer da tribuna da câmara, seria expôr as testemunhas às represálias dos que ficavam.

Agora, porém, o Supremo, a quem o governo não podia negar o pedido, requisiu o inquérito da expulsão de António Trotte, e ali, confrontado esse com a justificação da defesa, vários ministros, escandalizados, inclusive o relator Hermenegildo de Barros, concluíram reconhecendo que o inquérito não provava coisa nenhuma. O próprio procurador, já dissera anteriormente e sem conhecer semelhante inquérito, que a justificação só poderia resultar a verdade depois de confrontada com aquelle.

Como o Supremo desejava conhecer a verdade, fez elle mesmo o confronto, acabando por concluir que nenhum dos depoimentos foi feito em presença do acusado, que só um acto está por elle

assinado, e este mesmo só se refere à sua presença no fim, precisamente onde mais o prejudica, isto é, quando elle se confessa estrangeiro.

Dentre as «testemunhas» que depõem no inquérito três são empregados no comércio, embora nenhuma possa atestar essa qualidade, e duas se confessam agentes de policia.

Acresce que os depoimentos são iguais declarando unanimemente as testemunhas e nos mesmos termos que conhecem Trotte como indivíduo perigoso, pregador da doutrina subversiva e inimigo como anarquista.

Esse trecho é igual nos depoimentos, dos agentes e dos «empregados no comércio», até ao fim...

Em todos os inquéritos de expulsão succede, de resto, que as testemunhas da policia se dizem empregados no comércio, mas nem sabem onde moram e trabalham.

Nos depoimentos existem referências a contestações do réu, mas estas não assina, porque não os ouvia...

As testemunhas são: Manuel Lopes Vieira, investigador de policia; Mário de Sousa, idem; Manuel Correa Fernandes, empregado no comércio; Domingos Lopes Vieira (não tem profissão); João Cardoso da Silva, empregado no comércio.

E foi por esse inquérito que se provou ser António Trotte agitador anarquista perigosissimo!

O JOGO

E a comédia que as autoridades andam a representar

Fala-se por aí em repressão do jogo, em acabar violentamente com essa immoralidade, em espantar os batoteiros e muitas coisas mais...

E afinal o jogo exerce-se af descaradamente, num fingido recato que não é recato.

Quem, como nós, atravessa, durante a madrugada, as ruas de Lisboa, só se tor cego, ou realmente não quizer entregar-se ao vicio do jogar não vê as já celebras casas de batota lindamente iluminadas, com porteiros de libré à porta. O som dos pianos que tocam *passeeilles* retumbantes para que os pontos e as prostitutas se recreiem em dapsas morais nos intervalos da jogatina, ouve-se cá fora, ecoa na noite serena.

E, por vezes, a voz das espanholas eleva-se no silêncio da madrugada em requiebro saleroso e sensuais.

Só os cegos e os surdos não ouvem tudo isto.

Nós não somos daqueles que requirem para os vicios, a cadeia ou qualquer castigo pesado, porque sabemos perfeitamente que não há castigo, não há repressão que consiga tirar o vicio a quem o tem. Uma ideia generosa, como um habito degradante, não se elimina à pancada. Apenas a transformação do ambiente immoral em que vivemos poderia destruir esse habito.

Repugnante não é sómente o jogar-se em Lisboa, é a hipocrisia das autoridades.

A policia passeia tranquilamente junto das casas de batota e a policia é em principio contra a batota. O que é interessante, risível, é o facto de ser a policia a única que não ouve o canto das espanholas nem o som dos pianos. A policia não vê as prostitutas *chicas de brago* dando com os pontos entrar e sair das casas de jogo. A policia é surda e cega.

Por vezes faz-se um assalto, mas — é infelicidade! — engana-se sempre; nunca apanha os jogadores em flagrante delicto.

Por aqui se vê o que é a moralidade das instituições burguesas. Não seria mais lógico que, on se desse a liberdade de jogar ou se reprimisse a valor? Esta situação hipocrita que as autoridades mantem, esta immoralidade é... perfeitamente natural, porquanto outra coisa não podemos esperar dos representantes e defensores dum regime cuja base é o roubo e a ignominia.

TRABALHADORES, LEDE

A NOVELA VERMELHA

Agitação no Reno

A greve continua

Sobre a agitação das classes operárias no Reno escreve o correspondente do *Spir* o seguinte:

«O movimento foi organizado por Berlim. Trata-se de fomentar a greve geral na margem esquerda do Reno com o fim de impedir a passagem para o Ruhr das tropas que a França ou os aliados entenderem mandar para ali, caso cheguem a surgir complicações a propósito da solução do problema da Alta Silésia. Todos os pedreiros do Ruhr deixaram de trabalhar.

Realizaram-se reuniões clandestinas em toda a colina huiheira de Woerts. Parece que o movimento se estenderá aos mineiros, metalúrgicos e ferroviários.»

INTELECTUAIS, LEDE

A NOVELA VERMELHA

Liberato Pinto

Não se chegará a efectuar o seu julgamento?

Anunciava-se para ontem o caso sensacional do julgamento em conselho disciplinar do tenente-coronel sr. Liberato Pinto, ex-chefe do Estado Major da G. N. R., facto este que deu motivo a bombas de alteração da ordem publica por se attribuir aos amigos daquelle official o proposito de evitar o seu julgamento. O certo é que, assim succedeu, pois o julgamento não se realizou, annunciando-se agora para sábado, e chegando *A Opinião* a escrever: «O chefe do Estado Major da G. N. R. não venha mesmo a responder em processo disciplinar, sendo libado de toda a culpa por um relatório cuja publicação era annunciada para breve.

Uma resolução «acordada» dos socialistas italianos

ROMA, 12 de Agosto. — O grupo parlamentar socialista aprovou um manifesto dirigido ao país e dirigido pelo deputado Luratti, no qual se expressa claramente a necessidade que tem os socialistas de colaborar lealmente com a monarquia para o bem-estar e para a paz do país.

Uma resolução «acordada» dos socialistas italianos

ROMA, 12 de Agosto. — O grupo parlamentar socialista aprovou um manifesto dirigido ao país e dirigido pelo deputado Luratti, no qual se expressa claramente a necessidade que tem os socialistas de colaborar lealmente com a monarquia para o bem-estar e para a paz do país.

Uma resolução «acordada» dos socialistas italianos

ROMA, 12 de Agosto. — O grupo parlamentar socialista aprovou um manifesto dirigido ao país e dirigido pelo deputado Luratti, no qual se expressa claramente a necessidade que tem os socialistas de colaborar lealmente com a monarquia para o bem-estar e para a paz do país.

Uma resolução «acordada» dos socialistas italianos

ROMA, 12 de Agosto. — O grupo parlamentar socialista aprovou um manifesto dirigido ao país e dirigido pelo deputado Luratti, no qual se expressa claramente a necessidade que tem os socialistas de colaborar lealmente com a monarquia para o bem-estar e para a paz do país.

Uma resolução «acordada» dos socialistas italianos

ROMA, 12 de Agosto. — O grupo parlamentar socialista aprovou um manifesto dirigido ao país e dirigido pelo deputado Luratti, no qual se expressa claramente a necessidade que tem os socialistas de colaborar lealmente com a monarquia para o bem-estar e para a paz do país.

